

# AUTORES & LIVROS

10-10-1948  
Ano VIII

Diretor e redator: MUCIO LEÃO.  
Gerente: LEONARDO MARQUES.  
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.  
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 18  
Vol. IX

## NOTICIA SÔBRE JERÔNIMO RODRIGUES

A exemplo do que fizemos em nosso número anterior, incorporando as páginas de nossa publicação o jesuíta Quiríco Caxa, trazemos hoje para as colunas de AUTORES E LIVROS o nome e a obra de outro grande vulto da Companhia de Jesus, na fase inicial do Brasil: o nome e a obra de Jerônimo Rodrigues.

Pertence àquela faixa de homens heróicos, que, norteados por Nobreza e José de Anchieta, realizaram a tarefa mais do que humana da catequese do primitivo Brasil.

Jerônimo Rodrigues nasceu em Cucanha, diocese de Lanegro, em Portugal, e entrou na Companhia em 1572, ano em que veio para o Brasil. Fez os últimos votos em 21 de setembro de 1584, na vila de Vitória.

No ano de 1600, encontramo-lo referido entre os padres da Retentiva, com a indicação de confessor e linguista. Em 1605, juntamente com o Padre João Lobato, administrava os sacramentos em Iguape, "uma povoaçõezinha de brancos, que nos agasalharam muito bem..."

E em 27 de março de 1605 que ele, com o Padre João Lobato, deixou Santos, indo ao encontro dos Carijós. Levavam sete índios cristãos, da aldeia de São Barnabé, no Rio de Janeiro.

De Santos até Cananéia foram a pé, chegando ali a 4 de abril. Como não tivessem embarcação, fabricaram em uma semana uma canoa de pau de ibiracui, "pan esse" — observa Jerônimo Rodrigues — que se viu a pique, vai para o fundo... que todas as véses que nisso cuidava, me estrengue...".

Na perigosa canoa chearam o Parangáu, e ali encontraram, encalhada na oréia, a urea de uns flamengos, que preparam um barco para voltar ao Rio. Foram bem acolhidos pelos flamengos e por alguns portugueses que já residiam em Parangáu. Deixando esse porto, tocaram em São Francisco, chegando à La-

go dos Patos a 11 de agosto de 1605.

Iniciaram então o seu trabalho entre os Carijós, e a narrativa de Jerônimo Rodrigues toma aqui um interesse desusado. Os índios, com os quais elas se defrontaram, são preguiçosos, sujos, antropófagos, afetados à traição e à deslealdade. Arealista, às vezes cheio de pitoresco, Jerônimo Rodrigues pinta o encontro que ele e o Padre Lobato tiveram no Rio Ararungá com o índio Tubarão, que era o intermediário das outras.

Como fruto dos trabalhos dessa viagem, conseguiram os Padres Jerônimo Rodrigues e João Lobato reunir 150 índios e indias, e os traziam para ser dotinados às aldeias do Rio de Janeiro. Tiveram, porém, de apoiar a Santos, ameaçados pelos ventos contrários. Ali chegados, o capitão de Santos instigou os moradores contra os padres, afim de que não deixassem sair da vila os índios. E de tal for-

ma agriram os Santistas, que efetivamente lograram reter, transformando-os em escravos, os Carijós dos Padres Rodrigues e Lobato.

O Padre Jerônimo Rodrigues faleceu em 1631, em Retentiva. Jaz ali sepultado, juntamente com o superior Diogo Fernandes, Antônio Dias, Domingos Garcia, e outros grandes sacerdotes daquela época.

### Bibliografia de Jerônimo Rodrigues

— A missão dos Carijós — *Notícias Missionárias Brasilienses*. Foi escrita em português e é uma missiva, cujo destinatário ficou ignorado. O Padre Serafim Leite inferiu do texto que foi destinada a um Padre, de "S. Vicente para cima".

Vem na íntegra nas *Novas Cartas Jesuíticas*, do Padre Serafim Leite, ps. 196-246.

— Cartas. Vêm na *Relação Anual*, de Fernão Guerreiro.

## ANIBAL FREIRE NA ACADEMIA

Na última quinta-feira, 30 de setembro, a Academia Brasileira de Letras procedeu a "leitura para a cadeira n.º 3, vaga por morte de Roberto Simonsen. Foi eleito o escritor Aníbal Freire.

Vai assim ocupar uma das cadeiras da Academia uma das maiores e nobres expressões da inteligência literária do país. Iniciando a sua vida pública como jornalista, Aníbal Freire era pouco depois das 20 anos diretor do *Diário de Pernambuco*, do Recife. Já havia tido antes (desde os 14 anos), vivaz e persistente atuação nos jornais de seu Estado natal, Sergipe — no *Tempo*, em 1898 e, em 1899, no *Porto*; em 1900, no *Estado de Sergipe* (no mesmo ano). Exercitava-se, a esse tempo, na crítica literária, e comentava e discutia grandes temas do espírito brasileiro, como os discursos de Tobias Barreto, a posição de Clovis Barreira diante de Sergipe, o meio intelectual de Aracaju, etc.

Mas não limitou a sua atividade jornalística, nessa fase, à imprensa de Aracaju; teve contacto também com o público do Rio de Janeiro, através das colunas da *Cidade do Rio* e das da *Gazeta da Tarde*, na qual deixou ampla e excelente colaboração, sempre de indole nitidamente literária.

Foi depois, em virtude de brilhantíssimo concurso, professor da Faculdade de Direito de Recife. A sua cadeira de mestre e a sua banca de diretor de jornal, foram busca-lhe os pernambucanos, e o elegeram deputado federal. Na Câmara, ocupou posições de grande relevância, como a de Relator do Orçamento da Receita, e se impôs como um dos primeiros oradores parlamentares que o Brasil ainda possuía.

Veio, depois, o período do ostracismo político, com a queda do Rosismo em Pernambuco. Aníbal Freire aproveitou esse tempo viajando e refazendo em grandes centros culturais da Europa seus sóbrios estudos.

Regressou à pátria, e em breve assumiu a direção do *Jornal do Brasil*, e de novo se viu eleito para a Câmara Federal. Daí — em 1925 — foi nomeado, na presidência de Arthur Bernardes, para o Ministério da Fazenda.

Regressou à Câmara e ao *Jornal do Brasil* em 1928; na Câmara ficou até a vitória da revolução de 1930, quando, desiludido de posições políticas, deliberou circunscrever suas atividades ao exercício de sua cadeira e à direção do *Jornal do Brasil*. Não tardou, porém, a ser forçado a transigir com esse programa de recolhimento, insistentemente convidado, que foi, para o cargo de Consultor Geral da República. Daí passou para o Supremo Tribunal Federal, onde é hoje, sem contestação, uma das figuras de maior prestígio e saber.

Na bibliografia de Aníbal Freire avultam os seguintes números:

— *Bancos e suas espécies. Quais os perigos a que se expõem os bancos que comandaram diretamente as indústrias?* Prova escrita no concurso de Economia Política, Finanças e Direito Administrativo realizado a 20 de abril de 1907, na Faculdade de Direito de Recife — Revista Académica da Faculdade de Direito de Recife, v. XXIII, pág. 67 a 81.

— *Relatório apresentado ao governador do Estado de Pernambuco pelo Secretário General — Tip. do Diário de*



São Vicente, Santos e Santo Amaro. — Do *Códice da Biblioteca da Ajuda, Roteiro de todos os sinais, conhecimentos, fundos, baixas, alturas e derrotas que há na costa do Brasil* (século XVI). Apud "História da Colonização Portuguesa", vol. 3º.

## SUMARIO

PAGINA 113:

- Notícia sobre Jerônimo Rodrigues.
- Bibliografia de Jerônimo Rodrigues.
- Fontes sobre Jerônimo Rodrigues.
- Fontes sobre Jerônimo Rodrigues.
- Aníbal Freire na Academia.

PAGINAS 114, 115, 116 E 117:

- Jerônimo Rodrigues — A Míndia dos Carijós.

PAGINAS 118 E 119:

- A Vida dos Livros — Dante Milano (Poesias); Chermont de Britto (Câim); Verissimo de Melo (Advinhas); Astolfo Serra (A Balizada); Italo Zingarelli (Três Imperiais em luta); J. M. de Macedo (O Meio Louro).

PAGINA 120:

- Lília Fagundes Teles — A Recompensa.
- As obras de Tobias Barreto.
- Horacio Cartier.

PAGINA 121:

- História do jornalismo no Brasil: Justiniano José da Rocha.

- Justiniano José da Rocha.
- Bibliografia de Justiniano José da Rocha.
- Fontes sobre Justiniano José da Rocha.
- Depois da Abdicação, de Justiniano José da Rocha.
- Ana Amélia e Marcos de Mendonça.
- Pedro Calmon.

PAGINAS 122 E 123:

- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea - 2ª Série - Antologia da Prosa - XXIV - José Lins do Rego.
- José Lins do Rego.
- Bibliografia de José Lins do Rego.
- O Amor (Capítulo de Eurídice).
- Águas Mão (Capítulo do romance do mesmo título).
- Natal de 1942.

PAGINA 124:

- J. M. Heredia — O Recife de Coral. Traduções de Teófilo Dias, Emílio de Meneses e Alberto Faria.
- Mário Leão — Sonetos a Nossa Senhora.

## AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, seis a dez mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje rarissimamente aparece, atinge ao custo de seis a dez mil cruzeiros.

Faz a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização.

As assinaturas são feitas a partir do n.º 1 (6-8-1943).

Pernambuco — Recife — 1909.

— Do Poder Executivo na República Brasileira — 208 páginas e cinco sem numerar.

— Imprensa Nacional — Rio — 1916.

— Relatórios apresentados a 15 de agosto e 7 de outubro de 1916 pelo representante da Congregação da Faculdade de Direito de Recife no Con-

selho Superior de Ensino — Revista Académica, Ano XXII, págs. 97 a 115.

— Relatório apresentado pelo representante da Faculdade de Direito de Recife, relativo à sessão do Conselho Superior de Ensino, de julho de 1917, *Jornal do Recife*, 2 de outubro de 1917.

— Relatório apresentado pelo (Continua na pag. 117)









# A VIDA DOS LIVROS

Milano, Dante. — POESIAS — Livraria José Olimpio Editora, Rio, 1948 — 114 pgs.

Dante Milano publica o seu livro de estreia, mas o faz depois de uma longa, fecunda, persistente experiência poética, e quando já é por todos consagrado como um dos valores mais altos de nossa poesia.

Ele tem uma posição tida sua na vida literária brasileira dos dias de hoje. Afastado das rodas literárias, timido talvez, pondo muito alto a idéia da poesia, desdenhando as glórias fárias que hoje brilham para se desfazerem amanhã — eis como o vemos, nós, os seus amigos, os que amamos aquela sua "arte poética", tão suíl sempre, às vezes, tão secreta.

E é nessa atmosfera inteiramente sua que ele vem construindo uma obra perdurable, de homem de lettras e de artista plástico.

De artista, sim, porque — provavelmente poucos saberão disso — Dante Milano é também um escultor de talento, apto a transmitir à matéria inerte o influxo do seu profundo sentimento, da sua emoção apaixonada. Esse aspecto, porém, é apenas um outro lado do espírito de Dante Milano, e não é, de certo, o lado primordial.

Este se encontra na poesia.

Dante Milano, discreto e medido em tudo, viu progressar-se a renovação modernista, sem ter ido disputar nenhum lugar na primeira fila. Vinha das boas lições dos parnasianos e dos simbolistas, e a essa contingência, que tanto o conduzia ao ideal de uma poesia limpida e talhada em linhas clássicas, juntava a sua qualidade de filho de italiani, descendente de uma gente afetiva ao amor das linhas exatas, da harmonia perfeita. Embora assim fosse, compreendeu e sentiu a necessidade da renovação modernista. E assimiliou à sua poesia harmoniosa e pura aquele anseio de libertação, que o modernismo trouxe.

Temos, nele, portanto, um ser complexo e singular — um poeta que por um lado é tradicionalista e clássico, e por outro lado é renovador e libertário, um poeta que junta no mesmo instante essas duas tendências tão opostas.

E esse, parece-nos, o caráter essencial deste livro — Poesias — de teor tão raro, e, se permitirmos, o termo, tão aristocrático, em nosso país.

Se quissemos penetrar um pouco mais, longe nas Poesias de Dante Milano, iríamos encontrar algumas ordens de idéias permanentes, que estão aqui formando como que o fundo da atmosfera poética de todo o livro. A morte é uma delas — e, curiosa circunstância, muita vez a morte dos suicidas. Vemo-lo, por exemplo, na Canção inútil, onde o poeta confessa:

Reveste-me um falso tédio,  
Que adia o inútil suicídio;

vêmo-lo no soneto n.º 11, em que encontramos a vida do poeta reduzida a esta melancólica síntese, digna de Augusto dos Anjos:

"... deixar sob a página do  
vide  
Um verso — esse terrível  
[garantia]

Que parece um bilhete de "[suicídio".

Eis outros temas permanentes de Dante Milano — o vago, o enevoado, o inexistente, das mulheres amadas; o impreciso, o indeterminado, mas o eterno das dores na alma dos homens; a piedade e até o amor dos que o vicio aniquilou... Como exemplos desta última ordem de idéias temos no livro dois poemas, sendo que um deles precisa ser aqui transcrito. E o Bebede:

"O bêbedo que caminha  
Que mantos arrastará?  
Que santo parecerá?  
Gaspar, Melchior, Baltazar?  
Um miserável não é,  
Logo se vé pelo gesto,  
Pela estranheza do olhar.  
O bêbedo que caminha  
Que rei bêbedo será?

Notar-se nas Poesias uma falha, a ser compensada na segunda edição que fatalmente há de ter o livro: a ausência de uma parte referente a traduções. Dante Milano é um dos nossos mais exímios tradutores, e ainda há dias (no número passado) dava AUTORES E LIVROS uma de suas obras primas desse gênero — a esplêndida tradução do Canto V do "Inferno", de Dante. Como essa, tem ele várias outras traduções magistras, quase todas fáceis de encontrar na primeira fase de AUTORES E LIVROS, ou na coleção de Pensamento da América. É imperdoável que tais trabalhos não tenham sido recolhidos a estas páginas.

Brito, Chermont de — CAIM (Romance) — Irmãos Pontetti Editores — Rio, 1947 — 186 páginas.

Chermont de Brito, desde que chegou ao Rio, vindo do Pará, dedicou-se a numerosos e ininterruptos trabalhos. Fez-se jornalista, redator do "Jornal do Brasil", cronista elegante dos mais prestigiosos e queridos da imprensa brasileira; e fez-se advogado. Mas essas atividades representam apenas o lado prático de sua existência. O outro lado — o que não é prático, mas é o lado preferido — é o do homem de letras, o de conferencista, o de crítico de arte, o de ensaísta, e sobre tudo o de romancista.

No terreno do romance dera-nos ele três livros: A Escalada, a Alegria do Pecado, a Dança do Ventre. E a esse gênero que incorpora neste momento um novo livro — este Caím, que temos sobre a mesa.

Como nos romances anteriores — e aliás também nos livros de contos — Chermont de Brito manteve aqui a sua constante de sensualidade, ou talvez melhor, de sexualidade. É um característico a que ele não pode fugir, e que está impresso em seus livros desde os títulos: Eva triunfante, Lesbica, a Alegria do Pecado, a Dança do Ventre — todos títulos excitantes, volutuosos, promissores...

Aqui mesmo, em Caím, esse sentido se manifesta a cada passo. Os adjetivos que acompanham as descrições e as narrativas que interessam a Ruth, a personagem feminina do livro, são todos adjetivos que se prendem ao carinho, ao amor, ao desejo. E sempre tudo o qualitativo refere-

se, volutuosa. E essa observação ressalta ainda mais exata quando verificamos que a melhor página do livro, aquela que forma como que o centro de todo o romance, é a descrição de Ruth, no banho, bela e branca, desfolhando diante do espelho a sua nudez de lirio e de rosa.

E todo esse drama, que encontramos tão amargo e vivido no livro, é um drama de desejo e de voluptá: é o drama do amor do irmão de um cego pela esdosa desse cego.

Em verdade, o defeito do romance de Chermont de Brito é a falta de surpresa. O próprio título já indica uma traição de irmão. De maneira que página a página a história de Roberto, Jorge e Ruth se vai desenvolvendo já como o provisório conhecimento do leitor. Nesse sentido um título vago, que nada precise, que apenas insinue, valoriza uma obra de ficção. A Reliquia, A Esfinge, Fogo Fátuo — quem pode saber, antes da leitura, o que seja o assunto que se apresenta sob um desses títulos?

No sentido da vida apinhada em flagrante, das figuras que se movem e que amam ou sofrem, este romance representa, sem dúvida, um amadurecimento no conjunto dos trabalhos literários de Chermont de Brito. Lendo-o, temos realmente a impressão de que vemos moverse e respirar aquele pobre cego, torturado de ciúmes, impotentes, condenado pela miséria das coisas a uma negra solidão sem amor e sem consolo.

Melo, Verissimo de — ADVINHAS n.º 1 — Biblioteca da Sociedade Brasileira de Folclore, Natal, 1948, 26 páginas.

Eis a nota (talvez um tanto ingênua, mas em todo o caso muito expressiva) que o autor pôs na primeira página deste seu livro:

"Todas as adivinhas desta coletânea foram recolhidas por mim em Natal, durante os anos de 1947 e 1948, ouvindo os seguintes parentes e amigos, aos quais agradeço a oportunidade para agradecer a colaboração valiosa: Mamãe, (Emilia Melo), minha noiva, (Noemia Noronha), Padre e Elmard L. Monteiro, Yaya, tia Neném, d. Bibi, Ivanoca, D. Lourdes e prof. Joaquim Noronha, Antonio Melo, Dulce e Abdenro Caldas, Rosado Neto, Poeta Paulo Luz, Antônio Furtado, Barbalho da Presfiteira, Oliveira Paula, José Monteiro, d. Estela Ferreira, Pastorelli e Ernesto da Penso".

A essa informação, Luiz da Câmara Cascudo — que prefacia o livro — acrescenta outras: fizemos sabendo por elas que Verissimo de Melo é jornalista, que está findando o curso jurídico, que ama desde criança os assuntos do folclore.

No seu ensaio logrou reunir 660 adivinhas, divididas nas seguintes classes: 1.º Mundo físico; 2.º Religião e Mitologia; 3.º Animais; 4.º Vegetais; 5.º O Homem; 6.º Coisas materiais; 7.º Ato e tradições; 8.º Nomes, Sílabas e Letras; 9.º Problemas; 10.º Adivinhas de Conto — Alguns dessas adivinhas são verdadeiras delícias.

poesia, de inspiração, de graciosidade. Esta:

Campo grande,  
Gado miúdo;  
Moça formosa  
Homem carancudo.

Sabem o que é? — Ceu,  
estradas, lua e sol.

Esta outra:

Sou uma moça branca,  
Toda coberta de espinhos.  
Meus filhos criados no grude  
São moles mas limpinhos.

Sabem o que é? — Jaca.

Esta ainda:

Nasci nágua,  
Nágua me criei.  
Se na Água me botarem  
Nágua morrerei.

Sabem o que é? — Sal.

Veríssimo de Melo dá, com este seu ensaio, começo a uma ordem de estudos que até agora não tinham sido feitos (ou pelo menos publicados) no Rio Grande do Norte. E não só no Rio Grande do Norte; mas em quase todo o Brasil. E entretanto riquíssimo veio do folclore, esse das adivinhas, mais do que qualquer outro apto a revelar e traduzir as qualidades de finura, de ironia, de irreverência de um povo.

Fazemos votos para que nos outros Estados surjam ensaios similares a este. Lembramos o assunto, por exemplo, aos filhos de Minas Gerais — pois é bem sabido que em matéria de malícia, de argúcia, de zombaria, a gente mineira conservará sempre o primeiro lugar entre as várias famílias brasileiras.

Serra, Astolfo — A BALAIADA. 3.º Edição. Bedesch. Rio, 1948, 309 pgs.

O autor pertence à Academia Maranhense de Letras e tem publicado numerosa obra de poeta, sociólogo.

logo, folclorista, cronista e crítico.

A Balaiada não é apenas um estudo histórico, uma crônica daquele estranho e trágico movimento que assolou a província maranhense na década de 1830. É um estudo das condições naturais e étnicas do Maranhão.

O sr. Astolfo Serra tomou o grande modelo de Euclides da Cunha em Os Sertões, e estuda em monografias especiais A Terra, O Homem, a História do seu rincão natal.

Como se sabe, João Francisco Lisboa, o maior produtor do Maranhão durante os tempos, se viu acusado (é claro que com a maior injustiça), de estar envolto, ou pelo menos de estimular, os Balaios. O sr.

Astolfo Serra mostra-nos, relacionado com esse episódio da vida do nosso grande Timon, a polêmica vivida travada entre Lisboa e Sátero dos Reis, e lembra a urgência de se perpetuar em livro essa polêmica.

Porque não o faz ele próprio, que tem espírito de trabalho e ama esse sugestivo assunto? Por que esperar por outrem — ou oufrem vago, que certamente jamais aparecerá?

A Balaiada mereceu atenção dos leitores, e a prova é que já se encontra hoje em sua terceira edição.

Zingarelli, Italo — Três Imperialismos em luta. Tradução de Adrinal Mendes Gonçalves. — Instituto Progresso Editorial — São Paulo, 1948, 227 pgs.

A condenação divina, diante do crime de Adão e Eva, não foi apenas para que o homem e a mulher vivessem e morressem entre lágrimas e dores; foi também para que a espécie a que elas pertenciam só existisse entre guerras.

E esta, parece, a amarga e trágica consequência, a única que podemos tirar.

## AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mário Carneiro Leão

### ASSINATURAS

EM TODO O BRASIL:  
Anual Semestral Trimestral  
Porto simples . . . . . Cr\$ 100,00 Cr\$ 65,00 Cr\$ 30,00  
Porto registrado . . . . . Cr\$ 120,00 Cr\$ 85,00 Cr\$ 35,00

Enderoco:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 47-3717  
RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuídos para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2.º andar. Fone: 42-5235.

Impresso nas oficinas da Editors Mory Ltda.

Assinaturas e numeros atrasados  
As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (alem da redação):  
— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 12.º andar — Fone: 22-8861, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 23-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farías.

Para numeros atrasados: os dois últimos pontos acima (alem da redação).

## "SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL

DE SEGUROS DE VIDA

Endereço: Rua Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 176, 42.

INTROSTORIES

Dr. Francisco Tadeu de Andrade

Dr. Francisco Tadeu de Andrade

Dr. Francisco Tadeu de Andrade

# A VIDA DOS LIVROS

deste inquietador livro de Italo Zingarelli.

**Três Imperialismos em Luta** — é o título dessa obra. E que imperialismos são esses? E' de um lado o imperialismo britânico, envelhecido e superado, que faz todos os esforços para manter as suas posições, acaso condenadas pela própria fatalidade da história; e, do outro lado, o imperialismo dos Estados Unidos, este em pleno voo e em pleno esplendor; e é, em luta com os dois, o imperialismo russo, que se forma e se apronta para tomar posições, e que, sob certo ponto de vista, é o mais perigoso de todos, pois, fala uma linguagem aliciadora e universal, uma linguagem que repercute no coração de todos os desajustados, de todos os miseráveis.

E' a explicação e a análise de um triste e sombrio mundo assim dividido que nos faz Italo Zingarelli.

Como conclusão de suas meditações tão agudas e tão atuais, chega ele àquela mesma interrogação ansiosa que está na alma de todos nós: Virá nova guerra? Sua resposta parece ser um sim, pois ele sabe muito daquela velha palavra, segundo a qual quem semeia ventos só pode colher tempestades. — Se os homens loucos de hoje só semeiam o ódio e a guerra, como poderão colher a fraternidade e a paz?

E se vier uma nova guerra, que vai ser de humanidade? — é outra pergunta que ele se dirige. E em resposta formula informações pavorosas. Segundo o sábio dinamarquês Niels Bohr, não há defesa possível contra a bomba atômica. Atente-se, além do mais, a que a bomba atômica que é fabricada hoje já deixou longe aquela que destruiu Hiroshima: deante das de hoje, aquela outra não é mais do que um fogo de artifício. Basta dizer que as bombas atômicas fabricadas em 1946 e 1947 eram 600 vezes mais poderosas do que a que foi lançada sobre o Japão. Hoje, talvez, já existam outras com um poder mil vezes maior do que aquela. A de Hiroshima só destruiu uma cidade e só matou 80 mil pessoas. A de amanhã destruirá zonas de 300 a 400 mi-

lhões quadradas. — Não parece o fim do mundo?

E com tais expectativas vemos a corrida insana para o conflito: o homem pedindo guerra nas ruas de Lenningrado, nas praças públicas de Berlim, nas ruinas das antigas cidades de Jesus, em toda parte.

Dir-se-lá que estamos vivendo num grande asilo de loucos — pois é bem certo que o Senhor deve enlouquecer primeiro aqueles que quer perder.

Macedo, Joaquim Muel de — **O Meço Loiro** — Ilustrações de Percy Lau — Edições Melhoramentos — São Paulo.

Houve tempo em que o velho Macedo foi a coqueluche dos que no Brasil gozavam de ler romances. Ele repartiu então com José de Alencar a coroa do nosso melhor romancista. E se o autor de Iracema merecia a preferência daquelas que tinham uma índole mais fina, mais inclinada ao sentimentalismo e à poesia, Macedo era procurado pelos que buscavam antes num romance o quadro da vida, o flagrante das almas e dos costumes.

Mas os tempos mudaram. Veio o romance psicológico, à Dostoiwski e à Proust, e os autores simples e inadvertidos dos grandes problemas morais foram postos de lado por uma elite de leitores exigentes.

Macedo caiu assim no desdém dos críticos, dos leitores cultos, ou se preferimos, requintados.

Mas apostamos em que nos meios mais modestos, nos ambientes familiares e provincianos, o prestígio de que gosa é ainda vivo e permanente — é aquél mesmo antigo prestígio com que ele era lido e amado ali por 1860...

A prova de que é verdade o que dizemos são as repetidas edições de suas obras.

A companhia Melhoramentos de São Paulo está dando nova edição dos romances do escritor fluminense. E nessa coleção já surgiram: O Rio do Quarto, Os dois Amores, A Luneta Mágica e A Moreninha. Surge agora, em um só volume, O Meço Loiro.

Gostariam de saber qual o número de ordem dessa edição — mas isso será provavelmente muito difícil. Deve ser impossível levantar o quadro completo das edições desse livro — como o é também da Iracema, da Menininha, da Primavera, das Espumas Flutuantes. Há as edições conhecidas, as localmente declaradas. E as clandestinas...

Do O Meço Loiro Inocêncio conheceu as edições seguintes: a 1.ª, do Rio, de 1845; a 2.ª, igualmente do Rio, de 1854; a 3.ª, ainda do Rio, de 1862; a 4.ª, do Havre, de 1876. Blake, que relaciona as mesmas edições de Inocêncio, acrescenta mais duas: uma da Biblioteca das Damas, do Porto, em 1855; a outra de 1858. Além dessas seis, são conhecidas várias outras, devidas ao editor Garnier e aos editores Teixeira & Cia., de São Paulo.

Entre tantas outras, a edição Melhoramentos vem agora tomar lugar, despertando a atenção e a curiosidade dos leitores pelo grau de desenhos de que nascou Percy Lau.

## LIVROS RECEBIDOS

— Römann, Oscar — **Rui Barbosa, Ministro da Fazenda** — Separata do vol. XVIII, tomo II das **Obras Completas de Rui Barbosa**, 1948. Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — Brasil, XCII ps.

— Oliveira, Martins de Oliveira Carta à Academia Brasileira de Letras —

Gráfica Cidade de Viçosa — 1948, 8 pgs.

— **Comemorações Euclidianas** — 1947 — Editorial Guanumby — São Paulo, 1948.

Encerra entre outros documentos: — Carta de Euclides da Cunha a Ludgero Prestes (inédita).

— Prof. Karl Schwarzenbach — **A Imprensa que a obra de Euclides da Cunha causa a um alemão**.

— Cassiano Ricardo —

— **O Bandelirante Euclides**.

Traz também o retrato de Euclides da Cunha, além de vários outros documentos fotográficos.

— Clá. Revista de Cultura (Fortaleza) — 4 — Agosto de 1948.

— **Atlântico** — Revista Luso-Brasileira. Nova série. Nos. 1, 2, 3, 4, 5, e 6. Rio de Janeiro e Lisboa, 1948.

Esta publicação tem como diretores Oscar Fontenelle e Antônio Ferro, como secretário de redação José Osório de Oliveira e como diretor artístico Manoel Lapa.

No primeiro número da Nova Série achamos entre outros trabalhos, um soneto de Emílio Moura, dedicado a Camões; um estudo de José Monteiro sobre a influência Iusitana na fisionomia histórica do Maranhão; uma composição poética de Alphonsus de Guimaraes Filho sobre os "Anjos do Aleijadinho"; um trabalho de João de Castro Osório acerca dos "Mistérios da Literatura Popular"; versos de Jorge Barbosa, sob o título "Você Brasil";

um conto de Natércia Frei; uma poesia de Ribeiro Couto; um estudo de José Osório de Oliveira, sobre o tema "Da autonomia da Literatura Brasileira"; versos de P. Leão de Moura, escritos no Funchal e subordinados ao título "Cabucú"; a fantasia "A deusa", de Mendes de Brito; "Teatro Brasileiro Contemporâneo e um Dramaturgo", de Luis Francisco Rebelo e mais outros trabalhos e composições. Nos outros números colaboram Ligia Fagundes Telles, Jorge de Lima, Antônio Pinto de Medeiros, Alvaro Ribeiro, Eugénia, Aurora, Amadeu Cunha, Carlos Parreira, Luis Silveira, Cecília Meireles, Rachel Bastos, José Albano, Neves e Sousa, Maria Elvira Barroso, Orlando Vitorino, Manuel Lopes, Manoelito de Ornelas, Antônio Quadros Carlos Queiroz, Cabral do Nascimento, Hermann Ferdinand Schell, Ademar Vidal, Alberto Osório de Castro, Edmundo Correia Lopes, Lúcio Cardoso, Carlos Parreira, Raul Bopp, Henrique Lisboa, Tomás de Figueiredo, etc.

— Leite, S.J. — **Serafim — Curso de Filosofia e Tentativas para se criar a Universidade do Brasil no século XVII**. Separata da revista Verbum, T. V, Fasc. 2, junho de 1948. Universidade Católica, 1948, págs. 107 a 143.

Obras do Barão do Rio Branco, VIII — Estudos Históricos. Ministério das Relações Exteriores. Imprensa Nacional, Rio, 1948, 225 páginas. Contém os quatro trabalhos seguintes:

## UM LIVRO FUNDAMENTAL



pelo conhecimento  
da nossa História



O retrato de figuras primordiais da História do Brasil por um dos maiores historiadores do segundo império. Esse livro ficou guardado por cinquenta anos no cofre de sigilo do Instituto Histórico Brasileiro.



EM TODAS AS LIBRARIAS

PELO REIMBOLSO POSTAL - CAIXA POSTAL 3391 - SÃO PAULO

## Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telegrama: COPER — Caixa Postal: 487  
Única recebedora e distribuidora de açúcar de produção das usinas do Estado pelos centros de consumo do país e do exterior

ARMAZÉNS PROPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARAPES N.º 113

Capital subscrito ..... Cr\$ 4.966.100,00  
" integralizado ..... Cr\$ 4.877.200,00

Fundo de Reserva ..... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL  
Endereço no Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 9 - 1/391  
Em São Paulo: — Rua Álvares Furtado N.º 180 a/599

Este ano registra a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de 8 milhões de sacas de açúcar, e maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

O Conselho de Administração da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim organizado:

Diretor-Presidente: José Fernandes de Queiroz; Diretor-Tesoureiro: Wladimir Kusniel Shorlo; Diretor-Secretário: Flávio de Almeida.

Administrador Financeiro: Mário Monteiro.

# A RECOMPENSA

LYCIA FAGUNDES TELLES

Pedro foi ao terreiro e apanhou um calxote velho que a menina atraía ali. Com um olhar vago, pôs-se a examiná-lo. Dá um bonito carrinho para Luzia, pensou. E as rodas? Como fazer as rodas? Se mesmo se o avô o ajudasse, que o avô tinha muito jeito para essas coisas. Deixou pintar o carro de azul...

Sentou-se no calxote. E sorriu para Luzia que ia indo pelo campo afora trepada num carrinho azul. Teodoro equilibrava-se atrás e a menina via a sacudir a cabeça encantada. "Cuidado!" Pedro ia gritar-lhe. Mas de repente, como uma bolha de sabão, o carrinho desfez-se no ar.

O homem passou pelo resto as mãos geladas e úmidas. Aquela era a hora em que ele perdia a noção das coisas em redor. Fleava de boca áspera e seca como se estivesse engolido um punhado de areia. Então as pálpulas de chumbo batavam-se a através da membrana vermelha, por entre caracólinhos trêmulos, via cenas meio desmanteladas, mas as vezes tão agradáveis, que lhe faziam sorrir. Desapareciam os trapos e as imundícies. E alegria! Teodoro a galopar num cavalo e Luzia era linda como a menina da folhinha, e a roupa do avô era igual a dos fazendeiros, e o sol invadia a casa fazendo com que Alice desabrochasse como o milho de pipoca, fresca e salitante de vida... Através da membrana, ele próprio era um homem só de sangue, montado no terra.

— Pedro! — era a voz de Alice — Já foi falar com Felício? Será que você vai passar a manhã inteira aí, encorajado? Se mexa um pouco, homem de Deus!

Ele abriu os olhos. E inclinando-se para o chão, distraidamente, pôs-se a arrancar pequeninos brotos, esmagando-os entre os dedos. Uma cobrinha esverdeada deslizou leigra por entre o capim. Pedro pensou em matá-la mas teve medo. E se fosse venenosa? Um dia pisara numa coral. Era lata e fria, toda listrinhos de vermelho...

Quando Pedro conheceu Alice, ela usava um vestido de plântangas vermelhas. Sabia, Pedro, se a gente trabalhar bastante, a gente ainda acaba dono de um sítio!

Primeiro foi a terra que se fechou seca e hostil quando suas mãos a procuraram. Depois, foi Alice. Quis reagir. Mas um canhão bom prostrou-o e ele abriu os braços e se entregou à sua melancolia, num espreguiçamento que era quase um estremecimento. As vézes, seu sangue era gelo; outras vézes, fogo.

Nasceu Teodoro, a barigüinha inchada, rambento. Depois, Luzia. "Veja como ela é bonita!" exclamava Pedro a enrolar entre os dedos um anel do cabelo da menina. "Mais uma boca, fala assim!", respondia Alice.

Veio o avô morar com eles. "Meu neto, — exclamava o velho a olhar com desconfiança para a figura vacilante de Pedro, — essa sua doença te acaba. Me dê pena!" suspirava ele a menear a cabeça tristemente. No entanto, não hesitou em tomar o parto de Alice que era ambiciosa e forte. Teodoro também, logo que começou a ter entendimento das coisas, pôs-se no lado da mãe.

Uniram-se os três. Mas se uniram por pouco tempo porque cedo começaram as disputas por um agasalho mais quente, por uma raça maior. Tanta miséria acabou por tentá-los os egoístas como lobos esfaimados. Agora, o avô já se queixava de Alice, que era uma malvada; Alice acusava o velho de ser um satyrô azarento e ambos desprezavam Teodoro que crescia docinhos como o pai. O mesmo sufrimento que no começo se uniu acabou por separá-los. Olhavam-se.

Recuando sempre quanto das três linhagens, Pedro voltou-se para a pequenina Luzia. Ela, sim, jamais o culpava, como faziam os outros, da inuidade da casa e da escassez da comida. Para a filha, ele era o homem poderoso que transformava calxotes em carros e matava cobras com os pés. Confiau nele com essa instintiva fidelidade de um animalzinho. E ele então pensava que triste seria se não tivesse ninguém para lhe pedir que mandasse parar as tempestades ou frutificar a goleadeira do quintal.

— Num ouviu o que eu disse, Pedro? — exclamou Alice aparcendo na porta. — Sei que hoje é domingo, mas pra quem num faz nada na semana inteira...

Pedro ia responder-lhe, mas ela não esperou e voltando-se abruptamente, como quem não tem tempo a perder, dirigiu-se para os fundos da casa.

O avô veio sentar-se no degrau de madeira onde há pouco estava a mulher. Resumindo numa linguagem engolida ele passava os dias assim, aquecendo-se ao sol quando havia sol, refugiando-se na enfermaria quando faltava frio. As vézes ria, escarrando por entre as gengivas murchas. As vézes chorava, sacudindo os ombros, mas como os olhos não brotasse lágrimas, aquiecia em um choro que mais parecia uma salivaça riada.

Pedro teve um olhar furtivo para os cabelos ralos e brancos. Se lhe desse um casaco novo e uns sapatos... Escolheria para Alice um vestido igual ao que ela tivera, todo cheio de pitanguiñas. Teodoro ganharia um cavalo, que cavalo era a coisa que o menino mais desejava na vida. O avô ficaria alvorocado como uma criança, e Alice voltaria a fazer planos, e Teodoro passaria a respeitá-la. Para a pequena Luzia, daria montes e montes de doces. Bem penteadas e limpas, metida em roupas de seda, ela bem se poderia comparar à menina da folhinha, uma menina de botinhas abotinadas até os joelhos, gola de renda e cara de romã.

— Pai, pai! O homem ergueu-se num sobressalto. Atrás dele estava Luzia. Viera correndo e agora tomava fôlego para poder falar. Vestia uma camisolinha enlaçada e em redor de sua boca, havia uma orla encardida de manga.

— Pai, — prosseguiu a menina afastando os cabelos que lhe caíram na testa — a cerca arrebatou uma porção de porco fugu! O Felício disse que é pro senhor ajudá a procurar tamém...

— Não existe cerca que segure bicho com fome, — murmurou Pedro entre os dentes. — Nessa fazenda, tudo passa fome, até porco.

— Ih... ih... ih... — riu o avô. — O Coronel deve tá fulot. Me lembro do barulho que fiz quando roubaram dois cavalos magros. Ficou urvando que nem cachorro em noite de lua. Ih... — O Felício, — prosseguiu a menina a lambir um caroço extranquulado de manga, — disse assim... — engoliu o caroço, limpou o nariz nas costas da mão e atirou longe o caroço, — que se gente prender algum porco, que ele dá pra gente farinha e linguiça. O Teodoro já saiu procurando, e eu vou ajudar. Posso ir, né? Deixa, pai?

E antes que Pedro respondesse, como um calabritinho, desceu os pulos o barranco e saiu correndo pelo campo afora.

Vou dar uma vista por aí... — disse Pedro num tom indecisivo. Voltou-se bruscamente a olhar na direção que a menina

segura, mas ela já havia se embrenhado no matagal. — Num gesto grande de medo as crianças disseram:

— Pois vi também, em vez de falar só para o parado! — disse o avô impaciente. — Se eu pudesse, eu ia, que o Felício disse que dava farinha e linguiça, num ouvir! A comida por aqui anda ruim. Eu passava melhor quando era mendigo de estrada...

Pedro foi sózinho a horta. Lá estava Alice a revolver a terra. Tinham nas mãos uns restos de verduras tão enegrecidas que pareciam ter saído de uma foguete.

— A gauda matou tudo, — disse.

Pedro escondeu suas mãos nos bolsos — mãos secas e amurelas como duas folhas crestdas.

— Se alguma das crianças aparecer, não deixe mais sair, que... — começou o homem e não terminou a frase. A mulher olhava-o firmemente. Tinham uns olhos encovados e turvos.

— Alguém tem que ajudar, não é mesmo? — ela perguntou com um sorriso.

Ele não respondeu. Sem pressa, afastou-se da horta, deu uma volta em redor da casa num andar indeciso. Por um momento, estacou, o rosto voltado para o matagal. E de repente, num estremecimento, pareceu despertar. Desceu apressado o barranco e a passos largos foi atravessando a várzea. De longe, viu o vulto de Teodoro que vinha correndo.

— Eh! Teodoro! — Pedro gritou. — Viu Luzia?

O menino aproximou-se aos pulos, a cara ardendo, os olhos brilhantes de alegria. Apertava contra o peito dois embrulhos.

— Pai, pai, oh! Olha o que o Coronel me deu, linguiça e fubá! Peguei uns quatro porcos! Eu mais o Felício, pegamo elas assim, pela orelha!

— Viu Luzia? onde está Luzia?

— Lá sei, num vi ela! — disse o menino e continuou a correr, galopando pelo campo em direção à casa.

O homem pôs as mãos em concha ao redor da boca.

— Luzia! — gritou. — Onde e que você está? Luzilinha!...

Deteve-se a ouvir atento, afilios os olhos que iam de um lado para outro, numa expressão de angustiante ansiedade. E como não viesse nenhuma resposta, num corrida desenfreada, chegou até o matagal.

Na quietude do arvoredo úmido e sombrio, só lhe vinha um zunido surto de insetos, misturando ao desordenado piar dos passarinhos. Pedro pisava leve sobre as folhas que estalavam sob seus pés. Chegou a sorrir com esse ar desconfiado de quem está prestes a levantar um susto.

— Luzia, você está se escondendo de mim? — perguntou baixinho a examinar os troncos de árvores, esperava de que por detrás de algum delas, de repente, a filha saltasse rindo.

Por um momento ficou imóvel, a olhar para um formigueiro. Acompanhou distraidamente o voo de uma borboleta amarela, cocou devagar o pescoço picado por algum mosquito.

— Luzia... — chamou num sopro de voz — Luzilinha! berrou num estremecimento, e os olhos se arregalaram apavorados — Me responda, me responda! — suplicou a correr, arrastando-se nos espinhos, debatendo-se para romper os círculos que se enraizavam em suas pernas, dificultando-lhe os passos.

Quando parou, foi para tomar fôlego, exausto, e limpar o rosto molhado de suor. Arfava. Em volta, o silêncio. E só então chegou a levar um suspiro.

— Luzia! — e precipitou-se de um salto para a clarice.

Três grandes porcos negros chafurdavam os facinhas vorazes no corpo da menina. Mordiam-na nos guinchos disputando a presa. Furiosamente arrancavam bocados de carne que mastigavam, sotrefos, com o ruído úmido de bocas famintas.

Atrairando-se sobre os animais, Pedro soltou um grito alucinado: "saí! saí!". Pisou os os tacões das botas, atacou-os com os punhos cerrados e num esforço supremo, conseguiu afastá-los. Anedrontados, puseram-se à distância, lambendo os fociños, espiralando.

Pedro ajoelhou-se no lado da filha. Ela estava de bruços, Nas costas, dentre as tiras da camisola, havia dois buracos por onde saiu um sangue borbulhante, quase morto.

Enguiçou-a nos braços. Na frente, a roupa estava intacta, apenas enlaçada, só isso... O rosto também não havia sido tocado. Estava sujo de terra e caldo de manga.

— Eu não queria que você fôsse... — susurrrou ao afastar um bicho que se enraizava nos cabelos encravados. — Eu não queria... — repetiu a ouvir a própria voz, como num sonho.

Foi andando devagar. Quem me encontrar assim, — pensou — quem me encontrar dirá: lá vai Pedro carregando Luzia. Ela levou um tombo, saiu-se na terra, foi isso.

Os olhos brilhantes e secos vagaram pela campina. Apresou o passo, caminhando como um bebê. "E' a febre... Fica tudo vermelho, mas daqui a pouco eu acordo, acordo..."

Ao chegar, espalhou a janela. Sentados em redor da mesa, os três comiam. Não se falavam. Com as caras muito próximas aos pratos, comiam vorazmente o fubá e a linguiça.

Em silêncio, segurando o pequenino corpo de encontro ao peito, Pedro sentou-se no calxote. "Não, não aconteceu nada! Aquela mancha não é de sangue, aquilo ali é terra. Ela estava brincando, depois cansou-se e dormiu."

Pechou os olhos fortemente, aperitou-os com a palma da mão selada, com medo de que se abrissem.

Lá de dentro veio o ruído molhado das boas mastigando sozinhamente. Pedro escondeu o rosto na camisolinha. E ali ficou imóvel, a esperar de que ela terminasse.

## AS OBRAS DE TOBIAS BARRETO

O Senador Augusto Meira, na sessão de 18 de setembro último, discursou eloquentemente sobre a vida e o gênio de Tobias Barreto. Como conclusão do seu discurso, enviou à Mesa da Casa em que tem assento o seguinte projeto:

"O Congresso Nacional decreta: — Art. 1.º — E' o Executivo autorizado a fazer na Imprensa Nacional, uma edição condigna das obras completas de Tobias Barreto de Menezes e abrir

pelo Ministério da Educação e Saúde um crédito especial até 300 mil cruzados para essa finalidade.

— Nessa edição deve ser atendida e respeitada religiosamente a grafia do próprio autor, de modo que valha por uma documentação integral e fiel do seu pensamento. Art. 2.º — Os volumes dessa edição serão expostos à venda e o produto recolhido para resarcimento das despesas que se fizeram. Art. 3.º — Obtido esse resarcimento, os volumes restantes serão distri-

## Horacio Cartier

A família espiritual de O Chão, como toda a família jornalística brasileira, se acha contumaz, devido ao falecimento de um dos seus valores mais representativos: Horacio Cartier.

Sendo jornalista, era esse autêntico homem de letras. Tinha saber literário, leveza e graça, tudo o que escrevia. E em dois apreciáveis livros, um de contos, o outro de poemas, deixou traduzida aquela intimidade, sincera inspiração artística e literária, que foi tão sua. A essa aspiração não pôde ele permitir maior realização, solicitado que sempre fôr, com império quase exclusivo, pelos deveres e as contingências de sua atividade jornalística.

Foi, além disso, um espírito amável, predisposto sempre ao bom humor e à simpatia, aos gestos de acolhimento e de proteção. Por tantas qualidades soube impor-se à estima dos leitores e ao carinho dos amigos. A tristeza e a dor, que em todos as fisionomias se viam entampadas na tarde do seu enterro, bem mostravam o quanto era querido e amado de todos.

\*

João Horácio de Campos Cartier nasceu em Porto Alegre a 24 de junho de 1889, e era filho do engenheiro e jornalista Paulo de Campos Cartier e D. Egidie Larres Cartier. Em 1905 fixou-se no Rio de Janeiro, e aqui se formou em Direito. Nomedado para o corpo de funcionários do Ministério da Agricultura, residiu em 1913 no Pará, a serviço da repartição em que tinha exercido. Mais tarde, com a criação do Ministério do Trabalho, passou a fazer parte do quadro desse novo departamento administrativo. Foi redator de A Noite, e saiu dessa filial para ir a ser, com Irmão Marinho, Euriel de Maio e outros, um dos fundadores de O Globo, jornal em que ficou até o fim de seus dias. A serviço desse jornal fez várias viagens no estrangeiro. A partir de 1946 fez-se cronista radiofônico da Rádio Globo, redigindo o programa Ecos e Concertários, que essa noite era irradiado. Era sócio do Jockey Club, da Associação de Imprensa, da Sociedade de Artistas Brasileiros, etc. Faleceu nesta capital, a 4 de outubro de 1948.

Escrivem:

— A mulher do Ilusionista e outros ritmos e rimas — 15 páginas. A Cocalo Branco Filho (Editor) — Rio, 1929.

Assim explica seu livro o próprio autor: "Este livro, único das poesias do autor, é encoberto de ritmos de hoje e de rimas de ontem, e foi mandado imprimir nos últimos dias de setembro de 1929."

— O Conservador de Bonecos — Contos.

— Política Sanitária — Departamento de Imprensa e Propaganda — Rio, 1941, 215 páginas.

Foi premiado no concurso de monografias instituído pelo D. I. P.

## ANDRÉ MAUROIS

A Academia Brasileira de Letras elegeu recentemente para o seu quadro de membros correspondentes o escritor francês André Maurois.

O autor de *Byron* vai substituir naquele sodalício o Embaixador Alexandre Conty.

buidas pelas bibliotecas dos Institutos de ensino secundário e superior do País e o montante dos saldos será depositado à disposição dos herdeiros do grande escritor. Art. 5.º — Esta lei entrará em vigor na data da sua promulgação. Art. 6.º — Revogam-se as disposições em contrário".

# HISTÓRIA DO JORNALISMO NO BRASIL: JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA

## JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA BIBLIOGRAFIA DE JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA

Justiniano José da Rocha nasceu nesta cidade, a 8 de novembro de 1812, e era filho do José Caetano Rocha. Fez os estudos secundários em Paris, no Liceu Henri IV, onde foi colega dos principais de Orleans e teve ocasião de ser examinado em Latim na presença do rei Carlos X. Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo em 1833, e era, àquela época, conforme o descreve Almeida Nogueira, um rapaz "de estatura mediana, cheio de corpo, tez morena, olhos e cabelos negros. Inteligente e espirituoso, de traço agradabilíssimo, boa palestra, realçada por grande cultura literária e constante veia humorística". Foi, quando estudante, sócio fundador da Sociedade Filomatéica de São Paulo, colaborador da revista da associação.

Em 1836, já no Rio, deu início à sua atividade jornalística. É daquele ano a fundação de dois dos seus jornais: *O Atlântico*, que poucos vivem, e *O Creuza*, que existiu até 1839. Era uma folha de oposição ao governo Feijó, e nela Justiniano tinha como companheiros Firmino Rodrigues Silva e Josino do Nascimento. Em 16 de junho de 1840 fundou *O Brasil*, que existiu até 1852. Sainha princípio três vezes por semana e depois diariamente. Combatia a causa da maioria de D. Pedro. Nesse mesmo ano de 1852, edita ele o *Correio do Brasil*, que morre no ano seguinte. Defrontou-se, ali, em sua seção *Prós e Contras*, com Francisco de Sales Torres Homem, o qual, no *Correio Mercantil*, redigia os seus artigos — *A Conciliação e os Partidos*. De 1853 a 1854, esteve ele em *O Velho Brasil* — que outra folha não era, senão o seu mesmo *Brasil* de 1840-1852, agora renascido. Em 1854, acha-se ele em *O Constitucional*, que também só consegue manter durante um ano. Em 1855 — a 9 de fevereiro — funda *O Regenerador*, que dura o seu último número a 28 de setembro do ano seguinte. Afinal, desistindo de fundar outros jornais, aceita a colaboração no *Jornal do Comércio*, onde publica vários romances e numerosos artigos.

Deixou com o seu talento jornalístico a impressão

mais viva e perdurável nos contemporâneos. Foi comparado, ainda em vida e depois de morto, com os maiores jornalistas brasileiros — com Lédo, com Januário, com Evaristo, Macedo observa que o gênero do jornalismo brasileiro passou das mãos de Evaristo para as de Justiniano. Outro biógrafo mostra-nos Justiniano em pleno flagrante de trabalho, com a sua imensa facilidade de escrever, cercado de passáros e de crianças palradoras, discutindo, em meio de rumores incríveis, os grandes problemas da política e da organização nacional. Esta a vida do jornalista de Justiniano José da Rocha.

Ac lado do homem de imprensa, porém, foi ele também o professor e o político. Já em 1838, era professor de História e Geografia do Pedro II, cargo de que pediu demissão pouco depois. Em 1841 era nomeado lente de Direito Militar na Escola Militar, e ali também lecionou Francês e Latim. Foi director das aulas da instrução primária e membro do Conselho da Instrução Pública da Coroa. Na quinta, oitava e nona legislaturas, representou a Província de Minas Gerais. Foi na Câmara, na sessão de 26 de maio de 1855, que teve ocasião de pronunciar, às vezes entre soluções, aquele discurso que ficou famoso nos Anais do Parlamento brasileiro, no qual desvendou diante dos olhos do país o quadro de suas necessidades, de sua enorme pobreza. Faleceu em 10 de julho de 1862, vítima de uma lesão cardíaca.

Conforme foi então publicado, deixou umadivida de mais de vinte contos, com hipoteca e juros de 13% no Banco Rural e Hipotecário, além de outros compromissos, sendo o seu espólio formado apenas de um prédio à rua Nova do Conde n.º 176, de três escravos e dois móveis de sua casa. Isso, para sua família que se compunha de 15 pessoas — 15 pessoas entre as quais havia octogenários e órfãos pequeninos! Foram então abertas subscrições no Rio de Janeiro para atender às necessidades da desventurada família.

Justiniano José da Rocha é patrono da Academia Carioca de Letras.

*Considerações sobre a administração da justiça criminal no Brasil e especialmente sobre o fuso, onde se mostram os defeitos radicais desse sistema* (traduzida de *Espos e de La Fontaine*, dedicadas a S.M. o Imperador). Rio de Janeiro, 1852, in-8º. Segunda edição adaptada para leitura das aulas primárias do município neutro. Rio de Janeiro, 1856. Nova edição, Paris, 1873. Nova edição, Paris, 1885, sem designação de data, e com a declaração de "nova edição muito melhorada com numerosas vinhetas, adaptada para leitura das escolas, contendo 120 fábulas". Esta edição faz parte da coleção intitulada "Encyclopédia das Escolas Primárias".

*Compendio de geografia elementar, oferecido ao professor de S.M. I. e por ele aceito para uso dos alunos do Imperial colégio de Pedro II*. Rio de Janeiro, 1838, 142 págs. in-8º. Segunda edição completamente refundida e aumentada, 1854, 321 págs. in-8º.

*Os Assassinos misteriosos ou a paixão dos diamantes*. Novela histórica, Rio de Janeiro, 1839, 29 págs. in-8º. Sainha assim somente com as iniciais J. J. R.

*A Rosa Americana* — Novela de Charles Bernard, traduzida. Rio de Janeiro, 1839, 88 págs. in-8º.

*As crónicas e as lettras* — Novela de Alexandre de Lamartine, traduzida. Rio de Janeiro, 1838, 83 págs. in-8º.

*A pele de Lédo* — Novela de Charles Bernard, traduzida. Rio de Janeiro, 1842, 138 págs. in-8º.

*Relatório do estado das aulas de instrução primária na província do Rio de Janeiro, apresentado a 1 de fevereiro de 1842*, etc. Rio de Janeiro, 1842, 27 págs. in-4º.

*Inglatera e Brasil. Tríptico de exercícios*. Rio de Janeiro, 1845, 273 págs. in-8º — e mais 10, contendo uma nota diplomática do ministro de estrangeiros, ao sr. Hamilton, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da Grã-Bretanha. É uma coleção de escritos publicados no "Brasil".

*O Conde de Monte Cristo*, por Alexandre Dumas. Rio de Janeiro, 1845, 10 tomos de 155, 160, 169, 166, 167, 168, 216, 217, 169 e 228 páginas in-8º. Esta tradução foi publicada no "Jornal do Comércio", e é por muitos considerada superior às outras que se fizeram desse romance em Portugal. Segunda edição em 1847, também em 10 tomos.

*Piquillo Allegro ou os moros no reinado de Felipe III*, por Eugenio Scribe, traduzido. Rio de Janeiro, 1847, 426 págs. in-4º.

*Biografia de Manoel Jacinto Nogueira da Gama, Marquês*

de Baependi, etc. Rio de Janeiro, 1851, 110 págs. in-8º, com o retrato do biografado.

*Cofre de fábulas invitadas de Esopo, e de La Fontaine*, dedicadas a S.M. o Imperador. Rio de Janeiro, 1852, in-8º. Segunda edição adaptada para leitura das aulas primárias do município neutro. Rio de Janeiro, 1856. Nova edição, Paris, 1873. Nova edição, Paris, 1885, sem designação de data, e com a declaração de "nova edição muito melhorada com numerosas vinhetas, adaptada para leitura das escolas, contendo 120 fábulas". Esta edição faz parte da coleção intitulada "Encyclopédia das Escolas Primárias".

*A Política Brasileira na república oriental do Uruguai*, por um brasileiro. Rio de Janeiro, 1854, 148 págs. in-8º.

*Ação, Reação, Transição* — Duas palavras acerca da atualidade política do Brasil. Rio de Janeiro, 1855, 96 págs. in-4º. É uma publicação anônima.

*A questão do dinheiro* — Comédia em cinco atos em prosa, por Alexandre Dumas Filho, traduzida por J. J. da Rocha. Rio de Janeiro, 1858, 199 págs. in-4º.

*Compendio de história universal*. Rio de Janeiro, 1850, 4 vols. in-8º. Contém esses volumes: o 1º a história antiga; o 2º a história médica; o 3º a história moderna até o tratado da quadruplicite aliança; e o 4º a história da América, especialmente do Brasil, com uma ligeira noticia dos descobrimentos e progressos industriais desta época. Houve duas edições posteriores, feitas por partes, uma de 1854, e outra de 1876.

*Monarquia — Democracia*. Rio de Janeiro, 1860, 55 páginas in-4º. Sainha anônimo. É a reprodução de um trabalho que publicaria no "Jornal do Comércio" de 23, 24 e 25 de maio, refutando o opúsculo "Os cortesões e a viagem do Imperador" do dr. José Joaquim Landulfo da Rocha Medrado. — Segunda edição no mesmo ano. O opúsculo de Medrado recebeu muitas contestações: Antônio David de Vasconcelos Canatarro, *A Monarquia Constitucional e os Liberais*; Joaquim Pinto de Oliveira "Os cortesões e a Civilização".

*A sorte grande* — Novela escrita em alemão pela sra. Fanny Lewald; traduzida em francês e do francês para português. Rio de Janeiro,

### FONTES SOBRE J. JOSÉ DA ROCHA

- Almeida Nogueira — *Tradições e Reminiscências* — série 5.º, p. 86.
- Galeria Nacional (do Jornal do Brasil), 2.º, p. 131.
- Inocência — Dicionário, vols. 5.º p. 163; 13.º, p. 271.
- Jacy Monttino — *O Constitucional*, 18 de julho de 1862.
- Jornal do Brasil — 10 de julho de 1847.
- João Ribeiro — *Autores contemporâneos*, página 157.
- Lery Santos — *Panteon Fluminense* — p. 193.
- Rio Branco — *Literatos Brasileiros*. Edição de 10 de julho de 1862.
- Sacramento Blake — Dicionário, vol. 5º.
- Silvio Romero e João Ribeiro — *Manual da História da Literatura Brasileira*, p. 439.

Foi também publicada na "Marmota", em 1859, de 12 a 122 a 196.

O pôr da sociedade brasileira — Novela. Rio de Janeiro, 4 tomos in-8º.

*Dissertação contra o regime penitenciário*, apelando ao Brasil os povos meridionais — Parece que não foi impressa.

*Ensaios críticos sobre o mundo*, por que se deve escrever a história do Brasil. — Era destinado ao Instituto Histórico; mas o autor afastou-se da instituição e por esse motivo não pôs em realidade a oferta.

*História parlamentar e política do império do Brasil*.

— Parece que não foi concluído.

*Os miseráveis*, por Victor Hugo — O tradutor tinha em mão essa obra, que traduziu para ser publicada no "Jornal do Comércio", em 1862. Por sua morte foi encarregado da continuação Antônio José Fernandes da Rele.

Na *Galeria dos Ilustradores* existem os autores de Justiniano José da Rocha na seguintes biografias: Sérgio Telvízio de Macedo, José Tomaz de Nabuco Araújo, Imperador D. Pedro I e Bernardo de Vasconcelos.

### ANA AMELIA E MARCOS DE MENDONÇA

Em Paris, onde se encontraram, foram vítimas de um desastre de automóvel a poetisa Ana Amélia Ca Queloz Carneiro de Mendonça e seu marido Marcos de Mendonça. O acidente teve ligeira importância.

### PEDRO CALMON

O sr. Pedro Calmon foi nomeado Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, indo substituir o dr. Inácio Azevedo Amaral.

### MANOEL PRADO

No última quinta-feira (10 de setembro) o Dr. Manoel Prado visitou, em caráter íntimo, a Academia Brasileira de Letras. Recebido em amistosa chata, foi saudado pelo sr. Ataulfo de Paiva. O ex-presidente do Pári agradeceu a homenagem que lhe era tributada pela Academia.

— o trono é um berço; temos, pois, todo tempo de preparar o país para esse governo republicano, tanto mais nobre, tanto mais excelente, quanto se assenta em ilustração e em virtudes, que o povo brasileiro já adquirido nos longos dias da minoridade".

## Depois da Abdicação

JUSTINIANO J. DA ROCHA

insurreição do que os corpos de linha, nem ao menos ofereciam o ponto de apoio material necessário à manutenção da ordem pública.

Nem uma milícia cidadã, nem uma guarda nacional, nem uma autoridade municipal, nada que, compreendendo a gravidade da posição política, desse um centro qualquer à administração. Até mesmo entre os chefes populares, que mais ardentes tinham provocado o movimento, não havia uma ambição grande e nobre, uma só coragem que se fizesse usurpadora.

A inspiração de D. Pedro I, que o levava a abdicar o trono, como que havia tomado de surpresa os insurretos, que a não tinham previsto, que não estavam preparados para essa eventualidade, e que, pasmos da fácil vitória que lhes en-

tregava o poder, não sabiam que destino dar-lhe.

O povo estava no campo; dois sentimentos o dominavam, os

dois sentimentos que haviam alimentado a luta contra o governo imperial: eram elas:

1.º a suscetibilidade nacional cívica de aversão contra os nascidos em Portugal; e 2.º, a ardente aspiração para a república, apresentada francamente nos últimos dias da realeza, sob o véu transparente da federação, e que, na política ativa e de combate se havia substituído ao pensamento liberal.

Dado esse caos de elementos, que politico não diria: "qual só pode sair a subversão, daqui só uma conflagração geral que não se extinguirá nem nas ondas de sangue derramado pelos ódios?" Pois enganar-se-

iam as sinistras previsões do político: a ordem se fôs no caos; nem o punhal da vingança particular, nem o cutelo da vindicta pública se tingiram de sangue. O nobre instinto do coração brasileiro bradou: "Perdão para os fluidos! A causa de todos os nossos males não está entre nós!" Calmada germina, que as paixões venceiras deram oferenda, como vítima expiatória, o príncipe que abandonara o trono. E as paixões aceitaram essa vítima; a calma teve os foros de verdade, e serviu de escudo para todos os vencidos.

Aos famintos de nacionalidade: "Para que, dizia-se, vingança? não nos ocupemos do passado, senão para evitar a sua repetição: no trono está um príncipe nascido no Brasil, que há de, como nós, amar a sua pátria e a sua gente".

Aos famintos da república, dizia-se: "Para que precipita-

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## Segunda Série — Antologia da Prosa — XXIV - JOSE' LINS DO REGO



JOSE LINS DO REGO

### JOSE' LINS DO REGO

Nasceu no engenho Correder, na Paraíba, em 1901. Ficou sem mãe com seis meses de idade, e passou a ser criado pelo avô, o Coronel José Lins Cavalcanti de Albuquerque. Estudou as primeiras letras na Escola Pública do Pilar, onde teve dois professores — D. Maria Eugênia e o velho João Cabral. Aos 9 anos entrou no internato do velho Eugênio Lauro Maciel Mondello, em Itabiana. Daí passou para João Pessoa, onde completou as humanidades. Matriculou-se, então, na Faculdade de Direito do Re-

cife, onde se formou em 1924. Durante o curso jurídico, manteve no Recife, com Osório Borba, uma revista intitulada *Dem Casimiro*, que deu 30 números e foi empastelada.

Formado, veio para o Sul, e obteve um emprego em Minas, como promotor de Manhuassú. Em 1926 obteve outra colocação: a de fiscal de bancos em Maceió. Finalmente, foi agente fiscal do imposto do consumo, cargo em que hoje tem exercício no interior do Estado do Rio.

cife, onde se formou em 1924. Durante o curso jurídico, manteve no Recife, com Osório Borba, uma revista intitulada *Dem Casimiro*, que deu 30 números e foi empastelada.

Formado, veio para o Sul, e obteve um emprego em Minas, como promotor de Manhuassú. Em 1926 obteve outra colocação: a de fiscal de bancos em Maceió. Finalmente, foi agente fiscal do imposto do consumo, cargo em que hoje tem exercício no interior do Estado do Rio.

### Bibliografia de José Lins do Rego

- Meino do Engenho (Prêmio da Fundação Graça Aranha) — 1.ª edição, Adeser Ed. — Rio, 1932; 2.ª, 3.ª e 4.ª edições, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1934, 1939 e 1943, respectivamente.
- Dozinho, romance — 1.ª ed., Ariel Editora, Rio, 1933; 2.ª, 3.ª e 4.ª edições, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1936, 1937 e 1943, respectivamente.
- Bangal — 1.ª e 2.ª edições, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1934 e 1943.
- Moleque Ricardo, romance — 1.ª edição, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1935; 2.ª e 3.ª edições, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1936 e 1940.
- Usina, romance — 1.ª edição, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1936; 2.ª edição, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1940.
- Histórias da Vida Totónia (livro para crianças) — Livraria José Olímpio Editora, Rio, 1936.
- Parem — 1.ª, 2.ª e 3.ª edições, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1937, 1940 e 1943, respectivamente.
- Pedro Bonito — 1.ª, 2.ª e 3.ª edições, Livraria José

Olimpio Editora — Rio, 1938 e 1943, respectivamente.

— Riocho Doce, romance — Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1939.

— Agua-média — (Prêmio Pequeno d'Oliveira) — Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1941; 2.ª edição, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1942.

— Gordos e Magros (ensaios) — Casa do Estudante do Brasil — Rio, 1942.

— Poco-morto — Prefácio de Otto Maria Carpeaux — Capa de Santa Rosa — 363 páginas — Livraria José Olímpio Editora — 1943.

— Brandão entre o mar e o amor — Novela coletiva, de autoria de Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Aníbal Machado, Graciliano Ramos e Jorge Amado. — Dietriches, 1941.

— Poesia e Vida — crônicas — Editora Universal — Rio, 1945.

— A vida de Eleonora Duse (tradução), de Max Reinhardt (Coleção O Romance da Vida) — Livraria José Olímpio Editora, Rio, 1940.

— O banguineiro Maciel Monteiro — (discurso) — Brasil Agropecuário, vol. XX.

— O clamor das flores — Editora Rio, 1941.

— Quem responder-lhes com

### O Amor

JOSE LINS DO REGO

(Capítulo do romance  
"Euridice")

Não sei se posso chamar de amor aquele meu fraco pela mulher que era inteiramente de Faria. Sabia disto, sabia que ela não me tinha em conta de coisa nenhuma. Lembra-me de vez na meu lado, e vinha de seu corpo uma estranha força sobre mim. Se estava no banho, se escutava o rumor do chuveiro, ou o gurgüe da água na banheira, perdia a tranquilidade, a minha imaginação ajudava o meu apetite, e sofria, sofria muito.

Faria voltara a me falar de seu caso, a procurar auxílio para uma decisão que não vinha, que temia. Para ele Euridice valia todo o seu sacrifício. E aquela rapaz tão cheia de reservas, tão refratária a se abrir, era agora uma só conversa. E me pedia opinião. Ainda nada mandara dizer ao pai. Tinha a certeza de que o velho não concordava. Toda a família tomaria o seu gesto como uma loucura. Tudo poderia ser verdade, mas amava Euridice. Animava o companheiro, mas muito me custava fazê-lo. A noite ia para a cama como que atacado de uma angústia. Ficava à espera de Euridice. Ouvia os seus passos perto de mim, via a sua sombra. E só descansava quando sabia que ela estava nos braços de Faria. Então começava o outro sofrimento. Todos aqueles gemidos, todas aquelas vozes em cochichos, aquela balbuciar sófregos me conduziam a uma espécie de desespero. Era terrível. O monstro me possuía, me arrasava. E quanto tudo estava consumido, vinha o pior. Era um cheiro de amor, de mulher, de homem, de goso, de saciedade, mas qualquer coisa que persistia sobre mim, até que o sono da madrugada chegava.

Aquilo não podia continuar assim. Quisera procurar outra casa para morar. Sabia que do jeito como andavam as coisas terminaria inteiramente derrotado. Porque cada vez mais me ligava a Euridice. Quantas más sabia que ela era inteiramente de Faria, mas se prenda aquela sua carne, aquela seu corpo.

Uma tarde, estava sozinho no quarto e ela apareceu, espantada como de outras vezes. E imediatamente fechou a chave a porta e, como se não me visse, foi diretamente para a malha de Faria, e mexeu e remexeu nos seus papéis. Procurou as roupas do armário. E como se tivesse fracassado em algum intento, voltou-se para mim, aflita:

— Julio, Faria recebeu alguma carta de casa?

Como lhe disse que nada sabia, ela me olhou com tal ternura que me aterrrou. E deitou-se na cama de Faria.

— Mamãe saiu, e Noémia foi ao cinema. Julio, você acha que Faria se casa comigo?

Que responder-lhes com

### O CARREIRO MIGUEL

JOSE LINS DO REGO

Um ótimo artigo de Celso Mariz sobre o carro de boi na Paraíba, me fez lembrar de Miguel Targino, o carreiro mór do meu avô. Era alto, espaldado, de longos bigodes, de olhar manso como o dos seus bois de cole. Miguel merecia toda confiança para as viagens da família, para os corregimentos de Içá, até a cidade da Paraíba. Quando a minha tia Maria marcava um passeio Miguel era a primeira pessoa a ser prevenida. Lembra-me dele, como de um gigante dos contos da velha Totónia. Ele sabia manobrar um carro como um gênio, sabia tratar dos seus bois como se fossem de sua propriedade. Aliás os carreiros eram como donos de suas juntas de cole e cambão. Diziam mesmo entre eles: O "Medalha" é de Miguel Targino, o "Lavadeira" é de Chico Prelo. Este sentimento de posse em Miguel era macio e brando. Os seus bois estavam sempre gordos, bem tratados, sem bicheira. Miguel era mestre carreiro com todos os títulos. Nunca dera uma virada, nunca perdeu um novilho no "amanso", nunca arrancara um moirão de porteira, uma mesa de carro. O cantar de seu carro era firme; os cocões choravam com o peso da lá e da cana madura, num canto que não variava de tom. Sabia-se de longe quando Miguel Targino vinha carregado. Ele comandava os companheiros. Era quem trazia os conhecimentos da estação da estrada de ferro, quem marchava na frente dos 10 carros do Coronel José Lins nas entradas tri-

(O Cruzeiro, 28-2-1943).

que Euridice me alisava os cabelos. Chorei. E ela, ao ouvir gente a subir pela escada, desapareceu. Pude compor-me, e deitei-me na cama de onde saíra. E ai veio-me chegando um torpor do corpo inteiro. Não tinha força para mais nada. O cheiro de carne, de amor, de saciedade, estava ali nos lençóis de Faria. Vencendo o barulho da rua, um canto de cigarra parecia uma voz de gente feliz. Seria que Euridice me apanhava também? Ah! aquela dúvida não durou um segundo. Não me amava, tivera pena de mim. Era toda de Faria, só dele, inteiramente dele. Esta certeza me aliviava. Procurei sair do quarto para fugir daquele cheiro absorvente. Beijara-lhe os pés, e ela passara as mãos pelos meus cabelos. Mas quando ia saindo, Euridice apareceu no corredor e quis saber para onde eu ia.

— Eu vou com você, Julio. Tenho que passar na farmácia.

E saímos os dois. Nada lhe podia dizer, e Euridice me falava da mãe que andava com pavor de briga do filho, por causa de política. E quando senti a mão de Euridice que me segurava o braço, tive medo. Medo de

que Euridice me alisava os cabelos. Chorei. E ela, ao ouvir gente a subir pela escada, desapareceu. Pude compor-me, e deitei-me na cama de onde saíra. E ai veio-me chegando um torpor do corpo inteiro. Não tinha força para mais nada. O cheiro de carne, de amor, de saciedade, estava ali nos lençóis de Faria. Vencendo o barulho da rua, um canto de cigarra parecia uma voz de gente feliz. Seria que Euridice me apanhava também? Ah! aquela dúvida não durou um segundo. Não me amava, tivera pena de mim. Era toda de Faria, só dele, inteiramente dele. Esta certeza me aliviava. Procurei sair do quarto para fugir daquele cheiro absorvente. Beijara-lhe os pés, e ela passara as mãos pelos meus cabelos. Mas quando ia saindo, Euridice apareceu no corredor e quis saber para onde eu ia.

— Eu vou com você, Julio. Tenho que passar na farmácia.

E saímos os dois. Nada lhe podia dizer, e Euridice me falava da mãe que andava com pavor de briga do filho, por causa de política. E quando senti a mão de Euridice que me segurava o braço, tive medo. Medo de

(Continua na página 123)

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## Segunda Série — Antologia da Prosa — XXIV - JOSE LINS DO REGO

### Natal de 1942 AGUA-MAE

*JOSE LINS DO REGO*  
E' dia de confraternizar

*JOSE LINS DO REGO*  
Fazendo confissões:

E' dia de confraternização universal e o mundo inteiro está em guerra. Há sangue derramado em todos os continentes. Há sangue sobre os gelos da Rússia, nas matas vírgens de Birmania, nas terras quentes da África, nas cidades radiosas da Itália, — nos campos da Escócia, nos verdes mares do Brasil. Por tédia a parceria a morte gerada pela bestialidade humana. A morte como mestra e medida de tudo, mussa satisfação do homem em fúria. A morte mandando mais que a vida, a morte como máquina de homem, seu poder terreal. Dia de confraternização, dia da nascidação, nascimento de um Deus que quis ter carne, corpo, alma dos homens. Um Deus que desceu entre os homens para amar e sofrer como os homens. O abstrato, a ideia transformado formas concretas para mais fixar a verdade, para mais afirmar o poder divino. O Deus que nascia, o Deus que teria sangue, olhos para ver, mãos para pegar, — que tinha a natureza de todos nós, viera para ligar o homem à divindade, dar ao homem mais consciência de que era, mais consciência de que era, mais

que o mundo car-  
ceço. Então ele nasceu numa  
estufa e foi adorado pelos  
reis da terra. Tocava aos ex-  
tremos. Era povo e era mais  
do que os poderosos. Era o ho-  
mem, uma sombra de todas as  
forças do homem. E assim o  
Deus que saiu de uma gente  
iníqua de profetas, nascia para  
fazer um mundo novo. Um  
mundo novo era obra para as  
mãos de um Deus. Fazer um  
mundo novo, num velho, foi o  
que realizou o menino que na-  
cera junto dos litchos, ouvindo  
o sangue dos bois, na podre es-  
trebaria de Belém.

Havia uma estrela no céu que  
guidava os pastores e os relâm-  
gos. O menino ligou os bichos,  
o povo, os reis na aurora que  
surgia no céu. Tudo era luz  
no instante do mundo que  
apontava. As borras do céu se  
quebravam para que a luz co-  
brisse a estrebaria do caminho  
de Belém. Deus nascia como o  
mais pobre dos campões, co-  
mo o mais desgraçado pastor  
que dormisse ao calor das va-  
gas, no calor animal dos bi-  
chos.

O mundo novo que surgia da Noite seria a pátria dos deserdados, o solar dos ricos, a casa dos selvagens. O mundo novo era a revolução de Deus. Deus vinha para ser o povo, e que não tem classe, o que é universal, o que pode ser dono de todo o ouro da terra, e donoamente de sua vida. O mundo viajava envelhecido, duro, sem graça. O homem escravizava o homem, o homem podia tirar do sangue de outro centro de quererdiaria vil. Deus iria a revolução. Sempre Deus era a revolução verdadeira. "Deus pode representar-se, popularmente, como a revolução", canta há pouco um grande católico espanhol. A revolução é Deus, como o diabo é a contra-revolução, o inimigo número um do povo. O que Deus faz e a criação, e o que o diabo pretende fazer é a destruição, e contrariar a vontade de Deus.

O menino de Belém vinha para trair o mundo da fraternidade entre os homens, vinha para lindar a mancha que ficava no corpo do homem do crime de Caim. Mundo de irmãos, mundo de iguais perante Deus, mundo sem senhores e escravos, mundo de paz eterna.

Era tudo isto o que nascia na estrebaria da Judeia. Nasceu um DEUS na terra e nos braços do povo. Quando os reis chegaram já encontraram os pobres pastores na adoração. Mas eram também filhos de

AGUA-MAE

JOSE LINS DO REGO

O mar ficava além da ressinge, mas a laguna manse estava ali a dois passos. Da Casa Azul, ouvia-se o bater das ondas na praia, o gurru fundo do mar que nas noites escureas era sonatório. A laguna falava baixinho, cantava mal que gemia. O vento encrespava as suas águas, soprava o nordeste com toda a sua violência, e o mais que ela fazia era cantar mais alto, dar tudo o que podia de seu peito franzido de mulher. Da Casa Azul via-se a laguna lado a lado. Nos dias de enchente, quando a maré crescia, nas lamas novas, a água verde subia até à figura gigante, a espumante deixava os seus flecos alvos pelas raízes desencravadas. A Araruama só nos dias de chuva enrijececia, perdeu as cores, mas quando o céu era azul, o verde de suas águas espalhava no sol uma velha brancura de barco dava aquela tranquilidade de Jezreel, uma palpitação de vida, agitando as coisas inanimadas. O lencôlo envolvia a Casa Azul por todos os lados. Não se ouvia nem um grito de gente, um urrar de bicho. Só os cataventos das salinas falavam alto por aquelas bandas. Quando passava pelo estrada, via a casa silenciosa cercada de casuarinas, com aquela figura enorme plantada na frente, de galhos agigantados como uma defesa, contava as ventanias de agosto. A casa triste, o casario da sete janelas de frente, fechado, com as manchas do tempo borradão o azul desbotado das paredes. O mato crescia em derredor. E mesmo assim, naquele abandono, via a pena olhar para a Casa Azul, como todos por si a chamavam. Era tristeza, mas, apesar de sua tristeza, agradava-lhe o seu encanto especial, uns restos de vida pelos seus alpendres, qualquer coisa de humano nas gulfotinas pintadas de verde, nas cornijas riscadas rosa, no branco dos pilares. Não era uma casa morta, era um corpo onde ainda palpitava vida e que respirava. Falavam apenas os movimentos. Um dia voltaria a ser o que fôr, haveria ainda se acenderiam pelas suas salas, vozes se elevariam de todos os recantos, calor de gente viva animaria o corpo encalçado.

## **ALGUMAS FONTES SOBRE JOSE' LINS DO REGO**

- Adolfo Casais Monteiro — J. L. do R. romancista da infância — **O Jornal** — 9-3-941.
  - Afonso Arinos de M. Franco — **O espelho das águas** — *"Diário de Notícias"* — 22-3-42.
  - Almir de Andrade — **Tendências do romance contemporâneo** — *Lant. Verde* — n.º 5-41 — n.º 2-102.
  - Alvaro Lins — **Campône e vagabundo** — (A propósito da seleção *Os fatos*, de F. de Mucida) — *Correio da Manhã* de 20-3-943.
  - Ascendino Leite — **Os Gordos e os Magros** — *Leitura* — Junho 1943.
  - Astrogildo Pereira — **A vida e a morte no romance de J. L. do R.** — *"Diário de Pernambuco"* — Agosto — 1939.
  - Brito Brejo — **Ouvindo** o romancista de Banguê — *Boleiro*.
  - Graciolino Ramos — **Conversa de Livraria** — *"Diretórios"* — Ano I n.º 2 (Suplemento Literário).
  - Jaime de Barros — **Espelho dos Livros**.
  - Jayme Santos — **O meu livro é a história de três mães brasileiras** — (reportagem sobre Águia-Mãe) — *Planalto* — 15-10-941.
  - João Ribeiro — **Menino de Engenho** — *J. do Brasil* — 8-6-32.
  - Doidinho — *ídem* — 22-11-33.
  - Joel Silveira — **Uma hora com J. L. do R.** — *Vamos Ler!* — 23-2-939.
  - Lia Correia Dutra — **Estudos Literários**. O romance brasileiro e José (Continua na pág. 124)

Deus, porque todos tinham na alma o mesmo sopro divino. E a revolução se fez para o mundo inteiro. A era de Cristo acabou com o Império Romano, com as leis de privilégios, com as taças eleitas, com a sabedoria infernal. A era de Cristo era uma criação de Deus. A revolução caminhou pelo mundo com bolas de sete linguas; chegou à África, penetrando na filosofia dos gregos, atravessou os mares. A revolução foi mais forte que os leões do circo, e mais forte ainda que a sabedoria antiga. Não havia senhores, não havia escravos. Havia o corpo de Cristo que era o homem redimido de tara daabolicas. A matividade do Deus novo era o nascer do homem liberto de pecados. Tudo que o Deus novo queria era restabelecer a fraternidade que se consumaria em natureza humana.

1942, 20 séculos, quase os dois mil anos das profecias, "o

mil anos das profecias, e o mundo ainda resiste. A palavra de Deus de Belém. Roma foi abaixo, Alexandria pegou fogo, a filosofia grega feneceu. E a

revolução de Deus continua sem que os seus inimigos se deixassem vencer de uma vez para sempre. Outras escravas vieram para substituir os das galés, outras filósofas que se alimen-  
tadas.  
Natal de 1942, como todos queríamos que fosse este o último natal em que cainha dominasse o mundo!  
(A Manhã — 23-12-94).

Agora a Casa Azul era triste. Tinha uma história que contavam em voz baixa como se se falasse de uma desgraça da família. Os que passavam pela estrada que cortava a lagoa olhavam a velha casa e uma recordação lhes passaria pela mente. Ali sucederam coisas que não se contavam sem medo, sem constrangimento. Os meninos fugiam das árvores de pomar e as mulheres viravam o rosto quando se aproximavam de lá. A história devia ser de muita pena, de muita dor. A figura era brava estendia os seus galhos enormes e o vento gentil neles e as casuarinas soluçavam, viviam no pranto. O silêncio do ermo dava relévo a todos estes movimentos de vida. Sentia-se tudo, os menores rumores estremeciam como grande ruído. Quem perguntasse pelos donos da Casa Azul teria uma resposta evasiva. Não moravam mais por ali. Se foram para muito longe. E' uma gente rica do Rio, pertence a uma viúva que pouco se importa com a casa.

Mais para longe, para perto do mar, havia uma tapera de palha. Lá morava um homem que tomava conta da ilha encalço. Diziam que via de fora, pois gente das redondezas não teria coragem para tanto. E no pobre sucederam desgraças sobre desgraças: um filho se afogara na lagoa, a mulher morrera de maléfica brava e os outros dois filhos haviam fugido num navio de sal que passara por lá, e agora vivia o pobre homem amarrelo, de barba grande, como uma sombra, no meio de tantas sombras, olhado pela gente da terra como um pestilente. Era o homem da Casa Azul e todos fugiam dele.

Que história seria essa da Casa Azul? Melhor seria não falar dela, deixá-la no seu canto, não indagar. Mas os que vinham de fora se sentiam atraídos. Era bela no seu recolhimento digno, cheia de um certo ar de superioridade, sobre tudo, sobre os homens, sobre as outras casas. Para um lido ficava a salina da viúva Dona Mocinha, com os molinhos de usas azuis e vermelhas e a casa branca, de alpendres largos. Por lá tudo era vida, agitação. As tulhas de sal, ao sol, espalhavam na sua alvura de neve o seu cataventos falavam alto. Os canais cortavam a propriedade de lado a lado, e via-se gente no trabalho da colheita, homens de pé no chão, carregando sal, outros trabalhando a água azul, como se lavavam em terra. O vento soprava sobre os quadrantes, ondulava a água na evaporação e o grão de sal ia aparecendo de vez em quando, com o sol tirando faixas como sobre pedrarias. O vento era o mestre de tudo, a boa máquina mandada por Deus. Os homens falavam no trabalho e as barcaças paravam no longe esperando a carga, com o pessoal de bordo estirado como em sestas, cantando. Outros barcos passavam, pajeados de mercadorias, de velas abertas, descondo para o porto. Os barcucios quase sempre cantavam. Uma vida fácil corria pela água azul da Araruama e a salina de Dona Mocinha, a Maravilha, se não era das maiores de lugar, era das mais bem organizadas. Tudo lá corria bem, com sal de primeira ordem; nunca atravessava dificuldades sérias. Fôra das antigas da família, gente que se fizera no trabalho duro. A vitória botara as coisas para diante, embora os tempos andassem ruins para todos. O maridio lhe deixara as contas em dia, nequeno saído no banco e a propriedade sem gravame, e a fazenda do outro lado da Araruama, com gado gordo. Os filhos pequenos não lhe deram grande trabalho foram crescendo protegidos por Deus, sem doença, até que chegara o tempo do colégio. Agora crescidos, estudavam em Niterói. Os tempos pioravam. O sal chegara a um quase nada. Tiveram que ceder a fazenda, mas, apesar de tudo, não passaram nreidades. Dona Mocinha dirigia tudo, punha as suas vistas em cima de tudo. Os trabalhadores respeitavam-na como a um chefe, como a um homem de coragem. Tudo passava por suas mãos. O maridio morreu com ela ainda bem moça. A princípio lutou, teve que aprender, que vencer dificuldades, mas venceu tudo, nem preciso se casar. Tinha os seus filhos e por elas chegaria a todos os sacrifícios. Os parentes quiseram arranjar-lhe um casamento. Recusou. Era dos filhos, era somente de seus filhos e foi aprendendo a ser o chefe da sua casa, a resolver as coisas por si só. Do alpendro da sua cas, Dona Mocinha via as terras abandonadas, os canais entupidos de grande salina que fôra dos seus vizinhos de muitos anos. O matto da resinga, lá, chegava até às proximidades da beira e os hibiscos plantados para cerca se espalhavam, se multiplicavam abundantemente e encimavam as terras, com o verde escuro de suas folhas. Dona Mocinha devia saber muita coisa a respeito da Casa Azul. As salinas, ali, tinham perdido o nome, se tinham acasulado para que só restasse aquela casa, encimando tudo com a sua figura misteriosa. Os cataventos enfurrujados, as águas podres dos velhos canais e, dominando tudo, a Casa Azul, velha, ninho de moregos, fazendo medo à gente da terra, com a sua vida desconcertante a os seus poderes malefícios. Dona Mocinha sabia de tudo, mas quando lhe perguntavam alguma coisa, quando algum filho lhe indagava pela Casa Azul, mudava de conversa ou costava o assunto com uma paixão séca. Os meninos guardavam uma impressão de quase pavor e quando alguém se aproximava de lá, se metia pelo sítio atrás de passarinhos ou de fruto maduro, corria o cutro para contar à mãe porque era proibido e perigoso penetrar naquele recanto. Só a lagoa não ia com essas prevenções. Ali mesmo, quase na porta da Casa Azul, ela abria uma curva de praia branca e as suas águas batiam de leve, de manjo, nas pedras do pequeno cais em ruínas. A lagoa era mais bela, justamente defronte da Casa Azul.

(Trecho do livro do mesmo título, págs. 9-13)

for work about

John L. May, director

194

Lynch

*Autógrafo de José Lins do Rego*

# O Recife de Coral de J. M. de Heredia

"O Recife de Coral" é um dos sonetos mais famosos e mais formosos dos "Troféus", de J. M. de Heredia. Desses sonetos conseguimos reunir sete traduções brasileiras — desde a de Teófilo Dias até a de Severino Montenegro. Damos hoje as três primeiras dessas sete traduções (por ordem cronológica); no próximo número, daremos as restantes.

## LE RÉCIF DE CORAIL

(J. M. DE HEREDIA)

I  
Le soleil sour la mer, mystérieuse aurore,  
Encircle la forêt des cornaux abyssins.  
Qui n'aile, aux profondes de nos tides bassins,  
Le bœuf épauoule et la vivante flore.

II  
Et tout ce que le sel, ou l'iode colore,  
Mousse, algue chevelue, anémones, oursins.  
Couverte de pourpre sombre, en somptueux dessins,  
Ce fond vermeille du pale madrepore.

III  
Ce sa splendide écaille éteignant les émaux,  
Un grand poisson navigue à travers les rameaux.  
Dans l'ombre transparente indolemment il rôde;

Et, brusquement, d'un coup de sa nageoire en feu

Il fait, par le cristal morné, immobile et bleu,  
Courir un frisson d'or, de nacre et d'émeraude.

## BANCO DE CORAL (TEÓFILO DIAS)

Sob as vagas, o sol, misteriosa aurora,  
Envolve em luz sanguínea um bosque de cornais,  
Que abriga no frescor dos antros vegetais,  
Feros monstros do mar e uma esplêndida flora.

E das formas que o sol ou o iodo colora,  
Musgos, alga marinha e anêmonas mimosas.  
O sombrio desenho, em linhas suntuosas,  
Da madrépora branca ao fundo se incorpora.

Entre os ramos bolando enorme peixe embala  
Das escamas o brilho; ora obíquo, ora a pílha.  
Na diafana sombra indolente perpassa.

Ou elétrico, dando um salto repentino,  
Sobre o imbril cristal, com a barbatana traça,  
Um relâmpago azul, dourado e esmeraldino.

(*Diário Popular de São Paulo*, 27 de outubro de 1887. Apud Alberto Faria — *Aerides*, pág. 6.)

III

## O PEIXE

(EMILIO DE MENESSES)

Do mar, ao fundo, o sol, em misteriosa aurora,  
Dos corais da Abissinia a floresta alumia,  
Banhando, à profundez da rápida bacia  
A fauna que floresce e a paipitante flora.

E tudo o que do oceano o lodo ou o sal colora  
— A anêmona marinha, as algas de haste esguia,  
Põe suntuoso desenho em púrpura sombria  
Na pedra vermelha ondula o polipo mora.

Amortecendo o brilho à resplandente escama,  
Um grande peixe vague entre a enlaçada rama:  
Da água as ondas, em torno, indolente desfralda.

Mas súbito ele agita a barbatana ardente,  
E à tona do cristal azulado e dormente,  
Corre um rastilho de ouro e nácar e esmeralda!

(*Poesias*)

# Sonetos a Nossa Senhora MUCIO LEÃO

Foi teu sorriso que em meu berço, um dia,  
Patrou, como uma sombra protetora,  
Inundando-o de graça e de poesia,  
De uma poesia e graça imorredoura.

A vida, a triste vida destruidora,  
Afastou-me de Ti! oh! Extória! oh! Guia!  
Nunca mais tua sombra acolhedora  
Voltou a me sorrir, como sorria!

Hoje, que cruze o meio do caminho,  
Sonha volver de novo no teu carinho.  
Ao teu sorriso de imortal encanto.

Ah! se pudesse esta alma renascida  
Gozar o bem da verdadeira vida,  
Sob a docura e a bênção do teu manto!

II  
Elas todas: preclaras, esplêndentes,  
Umas alegres, outras merecidas,  
Enchem de encanto as páginas fremeantes  
Dos romances, das lendas, das histórias.

Vejo, contemplo essas visões ardentes.  
Mas, entre tantas sombras ilusórias,  
Meus olhos buscam, amorosos, crentes,  
Tua imagem de luz nimbada em glórias.

Só a ti é que eu busco, Imagem linda,  
— Consolo do aflição e na desgraça,  
Penhor do único Amor que nunca finda!

Porque tu és de todas a mais pura.  
E só no teu divino ser fulgura  
O divino clarão da eterna Graça.

III

Inaculada Luz das noites tristes,  
Domadora do ralo e do escurecer,  
Bem sei, Piedosa Luz, que vós curistes  
Os apelos dos homens, lá no Céu.

Bem sei que para os pobres vós sorristes,  
Que fostes proteção e amparo ao réu;  
Que sobre toda a humanidade abristes  
Vosso radioso, constelado Veu.

Oh! Luz das noites tristes... minha noite

Triste se estende, sob o eterno açoite  
Dos ventos maus... Dai-me, Imortal Visão.

Do vosso olhar a proteção bendita:  
— Um fulgor que na tenebra infinita  
Seja a promessa de uma redenção...

IV

Sonho, Visão, Imagem pura e linda,  
Harmonia imortal, Glória e Explendor,  
Redore um ralo de tua luz infinida  
A aridez dos meus dias sem fulgor.

Sonho, Visão... Desça ao meu ser ainda  
A carícia com que — Piedade e Amor —  
Os monstros domam... esse Sol que blinda  
Os que encontras nas ânsias e da dor.

Desça a mim um clarão desses luares  
Em que te envolves... e com que bendizes  
As almas que o teu santo amor seduz...

Dá-me um dos teus celestiais olhares,  
Oh! Madrinha dos homens infelizes,  
Minha Madrinha — Sempiterna Luz!

## A Missão dos Carijós

(Continuação da página 117)

que parece que um Taptiara fez algum aguado, no qual mandou quistar a casa e romper-lhe os moinhos, e ele acudiu-se como quem teme a ira do cavalo. E esse principal disse que se quissem não esquinassem se fizéssem algum aguado aquelas Taptiara, porque elas eram causa de estes nossos vor. E por diversas vezes zombavam como os Árabeis desejavam vir ver-nos, mas com medo de queles Tubarões, que têm tapado aquele caminho não vinham, nem na outro lugar por onde possam passar para cá (XVI).

(XV) Bras. 15. 73-100. Notícia Missionária Brasileira. Original, em português. O autor, que não vem indicado, é o P. Jerônimo Rodrigues, companheiro do P. João Lotufo, neste missão. O P. Luís Almeida e o Ambrosio grandes servidores da Igreja de Juazeiro de 1583 a 1600.

(XVI) Visitador do Brasil, de 1583 a 1600.

(XVII) Aracó, fruto do aracá da família das miristicas (C. de Lima, 1583-1600).

(XVIII) Cucanha, diocese de Limeira (Bras. 5. 48).

(XIX) O P. Custódio Pires, de Almeida, foi o primeiro mestre-mor da Irmandade de Juazeiro.

(XX) Visitador do Brasil, de 1583 a 1600.

(XXI) P. Agostinho de Matos,

natural de Lisboa, veio em 1583

missionou em diversas partes do Brasil e faleceu no Rio em 1613.

(XXII) Bras. 15. 16. 20. 21. 22.

(XXIII) Bras. 8. 523v.

(XXIV) Manuel da Silva, um dos fundadores de S. Paulo e seu primeiro Superior.

(XXV) Barro de Trindade, no Rio

Gigante do Sul.

(XXVI) Tschacher, no seu mapa

(História do Rio Grande do Sul,

I), coloca em Aracaju entre Portos-

Alagoas e Pelotas, na terra fluvial.

(XXVII) Ira. Pedro Correia e José

de Souza.

(XXVIII) Cantuaria, sem mangue fértil

entre os rios de Aracaju e São Francisco.

(XXIX) Não há contradito. Quan-

do antes se dizia que eram lá

tratavam de salos, para se

verdernos uns nos outros; aquo-

diz-se que não são isto, isto é,

que não roham as casas um das

outros.

(XXX) Termina aqui o manuscrito.

Sequem-se umas breves notícias

em fragmentos de autor, para su-

gerir desenvolvimento, o que se

mostra fez.

## AUTORES E LIVROS

Em sua coluna do "Jornal Pequeno", do Recife, Mario Sete escreveu acerca de AUTORES E LIVROS a seguinte crônica:

Mário Leão continua a publicar seu AUTORES E LIVROS. E ai temos uma boa notícia literária para o Brasil e em particular para Pernambuco: seu timoneiro um pernambucano de nome cheio de almas tradigões.

Todo o mundo se recorda da primeira fase dessa publicação, como suplemento dominical de "A Manhã", do Rio. Saiu por uns quatro anos, mantendo vívo o interesse pelas suas pásinas. E constitui, hoje, o AUTORES E LIVROS uma verdadeira antologia de nossa literatura, com profusos artigos de crítica, cuidada bibliografia, além de notáveis colaborações selecionadas.

Todos os vultos notáveis de nossa letitra tiveram o seu número de estudo da sua formação intelectual, com um reconhecimento carinhoso de suas más belas criações.

Foleia-las é ter, como disse-

## O AMOR

(Continuação da pág. 122) que me vissem que estivesse a trair o amigo que se casaria com ela.

— Julio, você tem um coração de ouro.

E no deixá-la, fui andando tocado de desespero. Vi, então, o velho Campos, va-garoso, a olhar absorto. Depois vi que parava para cumprimentar uma moça que lhe sorria. Mulheres, me dizia ele, de qualquer natureza, mas mulheres.

AUTORES E LIVROS tudo

recorda e muito mais poderá

reviver guiado por Mário Leão.

## ALGUMAS FONTES SOBRE JOSÉ LINS DO REGO

(Continuação da pág. 123)

Lins de Rego. Scara Nova — Lisboa — 1938.

Mario de Andrade — Repetição e música — Diário de Notícias — 19-11-1939.

Mário Leão — Usina — J. do Brasil — 31-7-1936.

Nelson W. Sodré — Memória e Criação — Vâmos Ler! — 23-11-39.

Olivio Montenegro — O Romance Brasileiro —

Paulo Ronal — Água Mae, de J. L. do R. — O Jornal — 30-3-42.

Plínio Barreto — Rinche Boce — Est. de S. Paulo — 13-1-40.

Roberto Alvim Correia — Água Mae, de J. L. do R. — O Jornal — 1942.

Rosário Fusco — Vida Literária.

R. Navarro — Sobre um romance de J. L. do R. — Água Mae (Água Mae) — O Jornal.

sem quebra do zelo guilador da fase anterior, e completando essa antologia da literatura brasileira a que se propôs sem distinguir velhos e novos, ora apresentando uma apreciação de Ancheta, ora nos revelando versos de Deolindo Tavares. A superioridade mentora desse seminário de cultura não precisa mais ser ressaltada.

E, daqui a alguns anos, sua nova coleção irá se prestar no mérito intelectual e na validade do preço da raridades.

(Jornal Pequeno — 23-8-948).